



A “DEMONIZAÇÃO” DA MULHER NO ALMANACK DE SERGIPE (1929-1930)

GLÊYSE SANTOS SANTANA

ROSANE GUEDES DA SILVA

JÚLIO CÉSAR ROCHA DA SILVA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Resumo

Este artigo discorre sobre o Almanack de Sergipe (1929-1930) e as visões da mulher por ele difundidas. Em primeiro lugar, procedeu-se uma caracterização do Almanaque como fonte de informação no início do século XX, segundo a metodologia apresentada por Murilo Bastos da Cunha. Após a análise, conclui-se que a cultura do almanaque em Sergipe foi, além de um recurso bibliográfico de lazer, entretenimento, cultura tradicional e popular, vulgarização científica, fonte de referência e um espaço social voltado para temas superiores das ciências humanas. No segundo momento explicitou-se a visão pejorativa da mulher difundida nesse suporte informacional de grande circulação em Sergipe à época. Como conclusão, observou-se que tal visão partia do núcleo intelectualizado do estado sergipano e representava uma reação às primeiras ações de emancipação feminina no estado.

Palavras-chave: Almanack de Sergipe; Mulher; Epigramas

Abstract:

This article discusses the Almanack of Sergipe (1929-1930) and the visions of the woman for him widespread. First it was carried out a characterization of the Almanac as a source of information in the early twentieth century, according to the methodology presented by Murilo Bastos da Cunha. After the analysis, it is concluded that the almanac culture in Sergipe was in addition to a bibliographic leisure resort, entertainment, folklore, popular science, reference source and a social space facing higher themes of the humanities. In the second phase we explained to pejorative view of widespread woman that informational support of wide circulation in Sergipe at the time. As conclusion, it was observed that such a view stemmed from the intellectualized core of Sergipe state and represented a reaction to the first actions of women's emancipation in the state.

Key-words: Almanac of Sergipe; Women; epigrams.

1 Introdução

André Belo afirma que adentrar a história do livro na era Contemporânea significa ampliar o olhar para várias manifestações de uma “cultura tipográfica generalizada, atendendo às variadas solicitações dos leitores, gerando assim uma enorme quantidade de fontes e objetos de estudos possíveis” (2008, p. 93). Uma dessas tipologias tipográficas, iniciada ainda no século XVII, foi o Almanaque.

Dessa maneira, o almanaque se constituiu originalmente, numa obra de referência. Para este propósito colabora inclusive a origem etimológica da palavra, que remete ao ponto de “parada em uma viagem”, ponto de encontro, oportunidade para forasteiros trocarem diversas informações acerca das mais diversas temáticas. Segundo Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti:

Até a década de 1960, havia laboratórios farmacêuticos que distribuíam seus almanaques, que, além do calendário,

incluíam matéria recreativa, humorística, científica, literária e informativa. Os agricultores apreciavam as informações sobre produtos agrícolas: tempo para semear e colher, grãos mais apropriados a cada região, pomares e hortas, bem como sobre a criação de animais domésticos e de pequeno porte. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 11).

Segundo Jacques Le Goff (1984) almanaques foram publicações ecléticas, que informavam e cativavam o leitor, por serem formados por adaptações e apropriações de diversas formas e conteúdos generalizados. No início eram apenas anuários, contendo datas religiosas e previsões meteorológicas, presságios, características que não perderam de todo, mas modificaram-se.

No século XVIII, pós-Iluminismo, tornaram-se mais objetivos (LYONS, 2011). Incluiu-se a informação prática agrícola, modos de semeadura, receituário culinário, difusão de remédios caseiros e garrafadas curativas, horóscopos, dentre outros aspectos que vão se somando no tempo. Tiveram seu período de maior destaque, na Inglaterra, onde foi monopólio da Companhia dos Impressores até o último quarto do século XVII. E diversificaram-se. Os Almanques ganharam tons urbanos e enciclopédicos na França no século XVIII. Nessa época esse produto tipográfico ganhou a Alemanha, Itália, França. No século XIX ganharam as Américas e chegaram ao Brasil.

Os primeiros almanaques a circular no Brasil eram importados, sobretudo de Portugal e França. Com o passar do tempo, ganharam força localmente e foram utilizados como estratégia de alguns estados da federação que viram nesse veículo de informação a possibilidade de fomentar um *ethos* local e difundir a história da região e seus grandes vultos. Posteriormente, foi utilizado como veículo de *marketing* por empresas dos mais variados ramos, com destaque para as indústrias farmacêutica e agrícola. Destacam-se nesse nicho, *Almanaque Biotônico Fontoura*, *Capivarol* e *Saúde da Mulher*. No período do Segundo Reinado no Brasil, os Almanques *Garnier* e *Laemmert* foram destaque, mas muitas outras publicações existiam. Eles ganharam o século XX e passaram a ser publicados em quase todas as regiões do país (BARI; SANTANA, 2012).

A esses tipos específicos, juntam-se publicações conhecidas nacionalmente como os sucessos dos almanaques Tico-Tico e Jeca Tatuzinho, pioneiros na difusão das histórias em quadrinhos e passatempos para o público infanto-juvenil, nas primeiras décadas do século XX. No período Pós-Guerra, o Brasil iniciou a editoração de almanaques segundo os títulos de histórias em quadrinhos e desenhos animados comercializados no Brasil, com histórias especiais, páginas coloridas extras, diversos jogos e entretenimentos voltados para o público infanto-juvenil. A partir dos anos 1960 até a atualidade, linhas editoriais como a dos Estúdios Maurício de Sousa, seguem publicando almanaques desta natureza, como o Almanaque da Mônica, Almanaque do Cebolinha, Almanaque do Cascão, entre outros.

Dito isto, nesse texto, destacar-se-á no primeiro momento, o Almanack de Sergipe que foi criado na segunda década do século XX e teve o intelectual Clodomir Silva¹ como idealizador². Era uma obra diferenciada dos Almanques em geral, pois voltado a uma classe abastada residente na capital sergipana. De forma geral, os editores do “Almanack de Sergipe” denominavam-no de literário, comercial, industrial e informativo. Como estratégia para autogerir-se, esta publicação sergipana, vendia espaço para anúncios publicitários e publicações.

Mas o objetivo central desse texto são as representações acerca da mulher difundidas nos *Epigramas*, publicados no referido almanaque no interstício 1929-1930, publicados pelo Almanack de Sergipe. Destacando, sobretudo, como a referida publicação, reforçava a hierarquia social dominante e mesmo que possa ser julgada anedoticamente, difundia uma imagem negativa da mulher. De forma específica abordar-se-á o Almanack de Sergipe tipologia de publicação, e posteriormente buscar-se-á apresentar os epigramas sobre a mulher e por fim analisá-los.

De forma geral, o termo epigrama possui uma etimologia controversa, onde gregos e romanos disputam sua origem. Para os gregos significava “sobrescrever”, enquanto na raiz latina “inscrever”. Contudo, seu significado é o mesmo; a inscrição acerca de algo. No geral eram legendas que se colocavam sobre as estátuas e possuem um ramo específico, os epitáfios ou inscrições tumulares. Dessa forma, *grosso modo*, epigrama pode ser entendido como composição poética breve que expressa um único pensamento principal, festivo ou satírico, de forma engenhosa.

Com esse intuito pensou-se na metodologia a ser aplicada, a qual ficou assim estabelecida: procedeu-se em primeiro lugar, a leitura de obras voltadas ao estudo dos almanaques e de sua análise estrutural. Posteriormente, selecionou-se os epigramas que destacavam a mulher no Almanack de Sergipe, visando apresentar e discutir as representações da mulher difundidas pela obra, lastreando tal análise na teoria de Gênero.

Dessa forma, este artigo está subdividido em quatro seções a saber: a *Introdução* onde será apresentado o tema e suas implicações, os objetivos geral e específicos, a questão a ser investigada, além do percurso para desenvolver o estudo. Na segunda delas, denominada *Almanack de Sergipe: características intrínsecas*, este será analisado em sua estrutura, pela metodologia de avaliação de fontes bibliográficas; a terceira parte, *Epigramas femininos* serão apresentados e analisados os epigramas. Por fim, nas *Considerações Finais*, serão elencadas as observações relativas ao estudo do

tema.

2. Caracterização do Almanack de Sergipe

O Almanack de Sergipe se apresenta como uma publicação de função social muito mais abrangente que os seus congêneres publicados na Região Sul e Sudeste do Brasil. A sua identificação categorizada de Almanaque (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 11) se concretiza, à medida que este, veicula um conjunto de informações organizadas segundo o calendário anual, assim como as efemérides específicas deste período e um conjunto de passatempos tradicionais da época, como as Adivinhas, Charadas, Logogrifos e Caricaturas de personalidades locais.

Porém, a categorização da publicação como almanaque se diferencia neste caso específico, à medida que a relação de autoridade e autoria se modificam, por meio da editoração sob a “responsabilidade intelectual” de um dos mais proeminentes intelectuais da época, Clodomir Silva, assim como a assinatura de diversas colunas opinativas, a aparição de resenhas literárias, a veiculação de anúncios publicitários de bens de consumo voltados aos segmentos sociais com maior poder aquisitivo, agregando-se a função de coluna social local.

Para apresentar a estrutura do Almanack de Sergipe em linhas gerais, foi utilizada a metodologia de avaliação de fontes bibliográficas, segundo os critérios adotados por Murilo Bastos da Cunha (2010), a partir da fusão de outras metodologia³. Seguindo tal metodologia, o primeiro aspecto a se destacar é o propósito da publicação.

Quanto a esse primeiro ponto, o Almanack de Sergipe preenche requisitos que o diferenciam de outras publicações similares e se pode classificá-lo como fonte bibliográfica de informação de referência em sua época e na atualidade. As principais diferenças encontradas foram: a inclusão de informações sobre política, cidadania, sociologia, além de reportagens e colunas jornalísticas informativas e opinativas; a clientela a ser atendida pela fonte diferia também do Almanaque tradicional, já que as peças publicitárias veiculadas e os conteúdos se mostram como evidência da leitura de grupos sociais de alto nível intelectual e poder aquisitivo correspondente às classe média alta e classe alta.

Os critérios adotados para nominar pessoas, outro imperativo metodológico, mostrava que no Almanack de Sergipe os autores, os responsáveis pela publicação ou o alvo das informações, eram especificados pelo uso do nome e sobrenome completo, demonstrando que era de interesse público figurar publicamente numa produção intelectual ou social da referida publicação.

Quanto ao alcance desse almanaque, ele também se difere de seus pares. Para além do calendário e informações básicas difundidas, ele possui diversas reportagens históricas e também referentes à projetos sociais futuros de interesse público. Existem ainda algumas biografias, tanto de pessoas vivas quanto de pessoas mortas, com dados oficiais e de caráter autoral. Sua abrangência geográfica de informação, inclui todo o continente americano, assim como o continente europeu. Quando transcritos ou citados textos estrangeiros, os mesmos foram traduzidos para o português, a exemplo dos discursos, reportagens e peças literárias.

O arranjo do Almanack de Sergipe distingue claramente tipos de conteúdo e orienta a leitura. Calendário, efemérides e anúncios pagos se encontram entre os elementos pré-textuais. Reportagens, passatempos e peças literárias se encontram nos elementos textuais, mas sem uma sequência temática. A editoração privilegia a diagramação do material, a melhor visualização das fotografias e reserva páginas centrais da encadernação (que podem receber papel especial e entintamento diferenciado) para o trabalho dos principais articulistas da publicação.

Os dados incluídos, como nomes completos, locais, fatos, informações de cidadania, informações utilitárias, denotam que a publicação gozava de *status* positivo se voltava para as necessidades informacionais de pessoas com alto poder aquisitivo e inseridas no processo social, a exemplo da veiculação dos principais códigos de discagem telefônica para o continente norte-americano e europeu. Os retratos são voltados para as reportagens factuais, mas existe um percentual representativo de fotos de família e de autoridades locais, identificados e denominados na publicação.

O Almanack de Sergipe não possui instrumentos de acesso a conteúdos específicos, como índices e sumários. O formato da publicação é impresso, nas dimensões de 20 x15 cm, publicada com trechos em papel de polpa, entremeados por trechos em papel branco encerado. A atualização dos dados é de ótima qualidade, sendo exemplificado o incêndio da Casa Colômbio⁴, ocorrido e esclarecido a menos de trinta dias do fechamento da publicação, ali contemplado com uma reportagem completa. Comparados a outras fontes também resgatadas pelo Projeto Documentação Sergipana: Digitalização ou constantes no Arquivo Público do Estado de Sergipe, os dados do Almanack de Sergipe tem se apresentado mais completos, o que também acrescenta a precisão à fonte. Igualmente, são frequentemente citadas fontes documentais, bibliográficas e identificados depoentes.

Assim, o Almanack de Sergipe cumpre a função da difusão de informação tradicional e popular, emanada da cultura coletiva ou de autoria de instituições sociais, religiosas e organizações, ao tempo em que, cumpre funções da mídia jornalística, veiculando informação factual, colunas opinativas, coluna social, sendo mantida por meio de arrecadação de

peças publicitárias, agora em sua função de Revista, uma fonte bibliográfica hoje identificada como periódico geral (CUNHA, 2010, p. 74).

Destacava-se ainda a questão publicitária. Muitos eram os anúncios publicados em suas páginas e seu conteúdo era voltado para os abastados sociais, a exemplo dos anúncios da *Chrysler*⁵ e do Banco Federal Brasileiro. Percorrendo suas páginas, várias informações referenciais denotam a necessidade informacional do leitor local, dentre as quais nesta ordem: Junta Comercial, Junta Aduaneira, Biblioteca Pública Estadual, Hospitais, Chefatura de Polícia, Salas de Cinema (em número de nove), Sistema e códigos de discagem telefônica à distância para localidades em países da Europa e América do Norte, Estabelecimentos bancários (SILVA, 1929, p.71- 73), denotando mais uma vez, seu público alvo.

Existiam ainda, a seção de obituário, mas sob o formato de matéria jornalística eruditas (SILVA, 1929, p. 155-156). Outras matérias de conotação política ocupam espaços privilegiados do Almanack de Sergipe, como o *Congresso Latino de Jornalistas* (SILVA, 1929, p. 204), de caráter analítico factual, ou *O mutualismo no Brasil*, de caráter econômico (SILVA, 1929, p. 282). A *Secção Charadística do Almanack* de Sergipe é composta de 21 páginas, que comportam também Logogrifos e Epigramas específicos de autores sergipanos. A leitura do material leva a consideração de uma sociedade intelectualmente ativa e voltada para a leitura literária, sendo que as chaves decifratórias de vários problemas apresentam-se inseridas em obras literárias difundidas no Brasil da época (diga-se de passagem, de forma heterogênea).

Por meio desta análise de conteúdos e de sua apresentação, verifica-se que o Almanack de Sergipe escapa da definição da publicação, atribuída pelos profissionais da informação que atualmente se especializaram no estudo das fontes de informação. Da mesma forma, os Almanques publicados no Brasil da atualidade, assim como na editoração internacional, também se constituem como fonte de informação especializada, procedente, autorizada, concentrando suas temáticas nas necessidades informacionais de seu amplo público-alvo e nos oferecendo excelentes oportunidades para o estudo do perfil do leitor, estabelecidas no tempo e espaço de leitura e consumo deste bem cultural.

3 A mulher nos epigramas do Almanack de Sergipe e as questões de Gênero

Os epigramas acerca da mulher difundidos pelo Almanack de Sergipe são extremamente depreciativos e assinados pelo Sr. Julio Barretto, Secretário da Revista Mercúrio⁶, funcionário da Delegacia Fiscal do estado de Sergipe e homem de relações nos círculos intelectual e político do estado nas primeiras décadas do século XX.

Utilizando-se de passagens bíblicas e de outros estereótipos, os epigramas acerca da mulher difundidos pelo Almanack de Sergipe são contundentes e agressivos, demonstrando claramente que os homens são forjados por valores positivos enquanto à mulher é a expressão do mal, da inutilidade e indignidade humanas. Em alguns deles, a figura feminina é comparada a Eva bíblica, demonizada pela religião hebraica.

A maldade de Eva não consistiu somente em tentar Adão, foi além; Ela em comunhão de vistas com a serpente, ou seja Satanaz, quis roubar de Deus o seu sonho. Mas, felizmente, foram logrados (BARRETO, 1929, p.178).

Entre ser mulher ou víbora é preferível a última. A primeira traz encoberto nas manhas, o pior veneno que já pode enganar a humanidade – a Perfídia (BARRETO, 1929, p.179).

Esta visão da mulher, longe de ser algo novo, foi difundida desde o surgimento da noção da propriedade privada, e com ela, a perda de prestígio social da mulher e a ascensão masculina se efetivaram (ENGELS,2002).

Atualmente, a condição feminina e suas especificidades são matéria dos estudos de Gênero. *Grosso modo*, podemos afirmar que o conceito de Gênero foi forjado na luta das primeiras feministas e por tal razão, configura-se uma construção social. As temáticas em geral, versam acerca das relações que se estabelecem entre homens e mulheres no interior da sociedade, levando-se em conta as relações de poder e dominação que se estabelecem nesse enfrentamento, bem como os papéis sociais que foram se estatelando entre eles no tempo.

Acerca dos papéis sociais exercidos pela mulher, o escritor dos epigramas do Almanack de Sergipe, não reconhece o papel da mulher na sociedade. Ele é basicamente um objeto abjeto, irracional e desprovido de dignidade. Veja nos excertos abaixo:

O papel destinado a mulher no mundo é tão ridículo, que ela mesmo se envergonha dele (BARRETTO, 1929, 179).

Entre as coisas indignas a mulher está em primeiro plano porque não distingue nem pratica de consciência, um ato digno (BARRETTO, 1929, 180).

O mundo não é melhor porque possui a mulher, esse ser útil pela própria inutilidade objetiva (BARRETTO, 1929, 178).

Esses epigramas denotam como se inverteu a prevalência entre homens e mulheres no interior do grupo social, em contraponto com as primeiras sociedades agrícolas. Isto pois, nas sociedades agrícolas multigeracionais onde estava consolidada a ideia da divisão sexual do trabalho, as mulheres possuíam um certo destaque e um papel fundamental para a manutenção do grupo, uma vez que cabia a ela o cultivo da terra e a produção alimentar coletiva. Também se destaca o fato do nome da mãe ser o sobrenome principal dos filhos, ou seja, as sociedades eram matrilineares.

Contudo, nas sociedades pré-capitalistas esse quadro se inverteu. A propriedade privada, o surgimento do direito, a ascensão masculina, fez com que a mulher se submetesse sendo relegada a cuidar dos filhos, marido e casa e reproduzir a espécie. Segundo Lúcia Costa (2010, p.1), nesse momento histórico, “o homem associado a ideia de autoridade devido a sua força física e poder de mando, assumiu o poder dentro da sociedade”. Nasce assim a sociedade patriarcal, baseada na posse de bens, garantia de herança e reprodução da linhagem.

Contudo, no Pós-Revolução Industrial o trabalho da mulher foi incorporado à mentalidade capitalista e essa inserção feminina no mundo do trabalho, foi vista como vantajosa pelos patrões, pois se pagava a elas ainda menos do que aos homens. E por muitas vezes, geralmente em momentos de crise ou guerra, suplantaram os homens em número no interior das fábricas. Segundo Costa (2010) as lutas entre homens e mulheres trabalhadoras estão presentes em todo o processo da revolução industrial, pois os homens substituídos pelas mulheres na produção fabril acusavam-nas de roubar seus postos de trabalho.

Assim se inicia a luta das mulheres por melhores condições de vida e trabalho. Esse fenômeno primeiro se evidenciou na Europa Capitalista e Revolucionária. Havia entre o fim do século XIX e início do XX, diversos movimentos reivindicatórios, que incluíam para além da questão trabalhista, o direito à cidadania e ao sufrágio universal. Essas primeiras lutas e lideranças forjaram o chamado “Movimento das Mulheres”, que se desenvolveu em ondas até os dias atuais, quando muitas questões estão na pauta de discussão de políticas públicas, embora haja muito o que avançar (ALVES, 1991, p. 33).

Um dos destaques da segunda onda feminista foi a filósofa marxista Simone de Beauvoir e até a atualidade é uma referência de peso ao se pensar o feminismo. Seu trabalho foi pautado na luta pela igualdade social entre homens e mulheres e pelo fim da discriminação. Seu mais forte discurso versa sobre o fato de que “não se nasce uma mulher, tornar-se uma”. Em linhas gerais, afirma que as mulheres ao longo da história foram consideradas de forma sistemática como anormais, fracas, transviadas e fúteis.

Essas questões aventadas pela filósofa francesa, também podem ser vislumbradas nos epigramas do Almanack de Sergipe, nas seguintes passagens:

A mulher como tudo que existe de vago no mundo, tem três fases distintas que são: menina, moça e velha. Em todas elas demonstra sempre tendência para o mal (BARRETTO, 1929, 179).

A mulher só fala a verdade uma vez por ano. É quando nos diz que comprou um vestido novo para o 1º de Janeiro (BARRETTO, 1929, p. 178).

A moda é como a mulher, não conhece época para fazer reclame de sua futilidade. Assim, quanto mais ridícula é a moda, mais imbecil a mulher (BARRETTO, 1929, p. 179).

Atualmente, vive-se duas ondas do movimento feminista. Na Europa as feministas consideradas de segunda onda, lutam pela igualdade, salários justos e iguais entre homens e mulheres e o fim da violência e discriminação das mulheres no âmbito público e privado. Desenrola-se ainda, o feminismo de terceira onda, cuja denominação é “feminismo da diferença”, cujo expoente é Carol Gillian. A ideia central é que existem diferenças básicas entre homens e mulheres que precisam ser melhor avaliadas. Assim, percebe-se que as lutas do movimento feminista foram se desenrolando após a Revolução Industrial e continuam atualmente, no debate de temas relativos ao papel da mulher na sociedade.

Essa busca pela emancipação da mulher também é contemplada pelos epigramas de Julio Barretto, sendo percebida como uma anomalia. Isto, pois, o autor compreende a luta das mulheres como uma forma de “animalização”. E as

mulheres que diferem do padrão a que foram relegadas são apontadas como seres maléficos, diabólicos, que planejam o mal. Não confiáveis e, por isso, incapacitadas para assumir papéis de responsabilidade ou destaque a não ser pela beleza, que também é demonizada.

A mulher quer igualar-se aos homens. Dos animais racionais, só a mulher teve a felicidade de renegar os seus direitos; isto é, procurou animalizar-se (BARRETTO, 1929, 180).

A mulher e a mentira andam juntas. Ambas trabalham para um só fim (BARRETTO, 1929, 180).

Uma mulher bonita, é um pecado; feia uma renegação. É porque as mulheres em si representam sempre o mal (BARRETTO, 1929, 180).

Isto posto, levanta-se aqui que este ataque de Júlio Ribeiro é reflexo do pensamento da elite sergipana à época, pois o Almanack reunia muitos intelectuais e homens de grande inserção no meio político patriarcal de Sergipe, a exemplo de Clodomir Silva, José Rodrigues Dória, o próprio Julio Barretto, dentre outros. Mas também, significava a difusão de ideias pejorativas acerca da mulher entre todas as classes sociais, uma vez que o Almanack de Sergipe possuía grande circulação. Por fim, pode-se até aventar que tal posição de intelectuais ilustres do estado de Sergipe à época, estava relacionada ao posicionamento intelectual das primeiras mulheres sergipanas que desde a segunda metade do século XIX e início do século XX, já lutavam por um espaço social maior que suas residências. O maior exemplo disso foi a revista feminina “Bello Sexo” (1882), única que publicava crônicas em nível nacional.

4 Considerações Finais

Diante do exposto, é possível observar a reação da elite literária sergipana frente às transformações sociais que vinha se intensificando desde o século XIX com o avanço industrial e as mudanças ocorridas no comportamento da mulher. Os movimentos de luta pela igualdade de gênero sofreram uma resistência maior entre os países ditos colônias, em que a sociedade patriarcal estava consolidada há séculos e em que a vigilância ao comportamento feminino era um meio de legitimar essa sociedade. Em Sergipe não foi diferente, além disso, o nosso Estado, como a maioria dos Estados nordestinos, até mesmo pela condição histórica, se mantém até os nossos dias com fortes tradições coloniais em seus costumes e tradições, evidenciando ainda, em dias atuais, a forte presença do mundo masculino e sua hegemonia sobre o público feminino.

É importante atentar também para o fato de que, é visível em nosso Estado a contribuição da mulher na perpetuação desse ponto de vista masculino sobre as mulheres, uma vez que as mulheres dessa sociedade patriarcal também emitem críticas e julgamentos as mulheres consideradas feministas, pois estas defensoras do divórcio e do sufrágio feminino representavam uma ameaça aos denominados “bons costumes”, ameaçando a posição das mulheres defensoras do eixo patriarcal. Para essas mulheres o homem representa segurança, desde a figura do pai, referência antes do casamento para se submeter à orientação do cônjuge. Por isso, apoiá-lo e se deixar conduzir por ele não é um problema, ao contrário, se torna um dom para poucas mulheres.

O movimento feminista defenderia outro modelo, que ameaçava a hegemonia masculina. Portanto, Júlio Barreto, destaca em seus epigramas a incapacidade feminina de assumirem responsabilidades, tanto sociais como aquelas referentes ao papel da mulher. Dessa forma, isso explica a visão de anomalia e abominação que a mulher assumira nas crônicas de Júlio Barreto, sendo o Almanack de forte repercussão estadual, esse era um bom instrumento de combate ao feminismo brasileiro com vista a limitar esse movimento no Estado de Sergipe.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BELO, André. **História e Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BESSA, Karla Adriana Martins (ORG). **Trajetórias do Gênero, masculinidades...** Cadernos PAGU. Núcleo de Estudos de Gênero. UNICAMP. Campinas, São Paulo. 1998.

CÂMARA, Bia. Origem dos almanaques. In: **Jornal do Bibliófilo**. São Paulo: Jornalivros, 05 de novembro de 2009. Disponível em < <http://jornalivros.com.br/2009/11/origem-dos-almanaques/>> Acesso em 10 de junho de 2012.

CHRYSLER. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2012.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2010.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008.

ELIADE, Mircea. **História das ideias e crenças religiosas: Da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis**; Rio de Janeiro: Zahar, 1984, v. 1.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da família, da propriedade Privada e do Estado**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

EPIGRAMA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2012.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira**. Corpo e Classe social no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

NOGUEIRA, Marcos Diego. A volta dos almanaques. **Revista Isto é**. São Paulo: Editora 3, ano 36, número 2216, p. 108, 2 de maio de 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SILVA, Clodomir (Ed.). **ALMANACK de Sergipe – 1929-1930**. Aracaju: Casa Editora Graphica Guttenberg, dezembro de 1928. 340.

1 Nascido em Aracaju, ainda em fins do Império, foi um dos grandes nomes dos primeiros anos de República no estado sergipano. Ainda como aluno do prestigiado Atheneu Sergipense tornou-se colaborador e redator do jornal estudantil e literário, O Necydalos, iniciando sua carreira jornalística. Posteriormente, dando prosseguimento à carreira, escreveu para órgãos de imprensa locais como o Estado de Sergipe, Correio de Aracaju e o Estado de Sergipe. Ao encerrar seus estudos locais, seguiu para Recife, formou-se bacharel na prestigiada Faculdade de Direito do Recife. Retornando a Sergipe, exerceu diversas atividades. Integrou a primeira geração do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia Sergipana de Letras, foi professor do Atheneu Sergipense e da Escola de Comércio, e duas vezes deputado estadual. Como escritor, à parte, os inúmeros textos publicados em jornais, discursos e obras de cunho administrativo, legou duas importantes obras de referência, que representam importantes estudos sobre Sergipe. Em O Álbum de Sergipe traça um panorama geo-histórico, sócio-político e econômico-administrativo dos primeiros cem anos de história local. Na segunda obra, Minha Gente, ele mergulha nos costumes, tradições e imaginário do povo sergipano (BARI; SANTANA, 2012).

2 Fato citado na página 13 do próprio Almanack de Sergipe publicado em 1927.

3 Esta metodologia apresentada por Murilo Bastos da Cunha se deu a partir da fusão de metodologias propostas por Bopp, Smith, Katz, Martin Vega e Silberger (apud CUNHA, 2010, p. 76-77).

4 A matéria *O Incêndio na Casa Colombo* é uma peça completa de jornalismo investigativo, que comporta desde o testemunho de populares ao fato social até a investigação científica dos policiais e especialistas da época, dado aos prejuízos materiais e ao número de feridos, que ampliou o âmbito do fato na esfera pública (SILVA, 1929, p. 145-146).

5 Chrysler Corporation é uma fabricante americana de automóveis de luxo, independente de 1925 a 1998. O primeiro automóvel da marca norte-americana Chrysler, fundada por Walter Chrysler em Michigan, EUA, foi apresentado em 5 de

janeiro de 1924, com a designação de Six. Tratava-se de um automóvel de gama média que apresentava uma série de novidades pouco comuns nesse tipo de viaturas, como um motor de alta-compressão com pistões de alumínio (CRHYSLER, 2012). Estado de Sergipe (SILVA, 1929, p.78),

6 Periódico que foi publicado em Sergipe entre os anos de 1928-1930.

Mestra em Sociologia pelo Núcleo de Pós-Graduação em Sociologia UFS (2009- 2011). Professora do Núcleo de Ciência da Informação (NUCI) da UFS. Professora do Curso de Formação do CESAD - SE. E-mail: gleysefpe@gmail.com

1 Mestre em Sociologia UFS (2009-2011). Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado de Sergipe. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Documentos Culturais e Empresariais (Faculdade Maurício de Nassau). E-mail: rosinhaguedes@oi.com.br

2 Mestre em Sociologia UFS (2009-2011). Doutorando em Sociologia (PPGS/UFS). Tutor à Distância do Curso de Especialização em Ensino de Sociologia no Ensino Médio (CESAD/UFS). E-mail: jcdreamer@gmail.com

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: